

Desenvolvimento da Docência Bilíngue Libras/Português no Campus Palhoça Bilíngue / IFSC: Considerações Iniciais¹

UÉSLEI PATERNO

RESUMO: O Campus Palhoça Bilíngue a partir do semestre letivo 2014-2 teve turmas em Libras com discentes surdos. A maioria das aulas foram ministradas em Libras por professores ouvintes. A construção da docência bilíngue Libras/Português não é algo dado e nem simples de ser constituída. O objetivo geral desse estudo foi de analisar as estratégias de ensino para turma em Libras por docentes que estão em processo de aprendizagem da Libras. Os objetivos específicos são: a) elaborar aulas em Libras com base em uma pedagogia surda e visual; b) avaliar a aula ministrada em Libras; c) avaliar o êxito na aprendizagem dos discentes surdos. Para a realização do estudo auxiliou-se os professores na elaboração e acompanhamento do planejamento das aulas e retorno do professor sobre a execução das mesmas. Foram registradas as experiências exitosas e as impressões do professor quanto a compreensão dos discentes sobre os conteúdos ministrados. Identificou-se que para a docência bilíngue a fluência em Libras é necessária, mas não se constitui na única habilidade requerida, precisa-se compreender os referenciais visuais da cultura surda em direção a uma pedagogia visual. Como elementos que dificultam o processo de educacional estão a falta de livros didáticos em Libras, a dificuldade de anotação das aulas e a momentânea carência de léxico em diversas áreas.

Palavra Chave: surdos, educação, professores

1 Trabalho executado com os recursos do Edital de Pesquisa n. 14 de 2014/ PROPI/IFSC.
Desenvolvimento da Docência Bilíngue Libras/Português no
Campus Palhoça Bilíngue / IFSC: Considerações Iniciais

UÉSLEI PATERNO

INTRODUÇÃO

Em 2002, a Libras foi reconhecida como língua das comunidades surdas brasileiras através da Lei 10.436/02. Sua regulamentação ocorreu através do Decreto 5.626/05. Esses dispositivos legais possibilitaram que os surdos tivessem aulas em Libras, seja com a atuação de um intérprete de língua de sinais, seja em turmas em Libras.

A Libras possibilita a construção de identidade pelos surdos, a construção de sua subjetividade enquanto tornam-se sujeitos atores e autores de suas vidas. Santana e Bergamo (2005, p. 567-568) ao discutirem sobre a construção das identidades surdas comentam:

A maioria dos estudos tem como base a ideia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua...

O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral. A aquisição de uma língua, e de todos os mecanismos afeitos a ela, faz com que se credite à língua de sinais a capacidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo...

A identidade seria uma construção permanentemente (re)feita que buscaria tanto determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias entre o próprio sujeito e o outro quanto obter o reconhecimento dos demais membros do grupo social ao qual pertence. Seria, portanto, nessa relação, no tempo e no espaço, com diferentes outros que o sujeito se construiria. É, com isso, nas práticas discursivas que o sujeito emerge e é revelado. Ou seja, é principalmente no uso da linguagem – e não qualquer materialidade linguística específica – que as pessoas constroem e projetam suas identidades. A construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, embora ela seja, sempre, da ordem do discurso e, portanto, interativa e social (SANTANA & BERGAMO, 2005, p. 567-568).

A interação social em uma língua acessível e de livre comunicação, como a Libras, é muito importante para o processo de ensino e aprendizagem dos discentes surdos, para constituírem-se como sujeitos. Sem a comunicação clara que possibilite a construção dos conceitos não há aprendizado. Ensinar e aprender não é uma questão apenas de se usar uma língua, há inúmeros outros fatores envolvidos, mas esse processo não pode ser limitado pela língua, pois sem essa não é possível construir o conhecimento.

Por muitos anos os movimentos sociais surdos lutam por um modelo educacional onde tenham reais condições de aprendizagem. Tanto pesquisadores surdos quanto ouvintes que se comprometeram com a educação desse grupo evidenciam que uma educação bilíngue onde a Língua Brasileira de Sinais, Libras, é usada como língua de instrução e de recursos didáticos e o português escrito é aprendido como segunda língua para acesso a informações escritas, proporcionam as melhores condições para um aprendizado efetivo do educando surdo. (LODI & MOURA, 2006, p. 2-10)

O Campus Palhoça Bilíngue Libras/Português, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, tem desenvolvido práticas educacionais bilíngues em suas turmas. No Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, a partir do semestre letivo 2014-2, há turmas bilíngues para discentes surdos e turmas em português para discentes ouvintes. Nas turmas bilíngues, a proposta pedagógica do Campus prevê que a Libras seja utilizada como língua de instrução e o português como língua de registro escrito. Nesse contexto educacional mais adequado aos educados surdos os professores ouvintes que já possuíam uma razoável fluência em Libras ministraram aulas em Libras. A presente pesquisa acompanhou a implantação

dessas turmas e as estratégias utilizadas pela instituição e pelos professores para se desenvolverem como docentes bilíngues.

METODOLOGIA

Foi realizado oficinas sobre aspectos linguísticos da Libras e suas implicações na forma de construir um discurso coerente. Após a realização das oficinas, quinzenalmente realizou-se discussão com os professores sobre o processo de ensino e aprendizagem dos discentes surdos do Campus.

Os professores dos componentes curriculares de matemática, comunicação visual e educação física contribuíram com as discussões e desenvolvimento desse projeto. Semanalmente discutia-se com um dos professores sobre a preparação das aulas, as estratégias pedagógicas, dúvidas sobre a utilização da Libras. Fez-se uma entrevista para identificar a percepção dos professores quanto ao aprendizado dos alunos surdos e as dificuldades encontradas no processo de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição contribuiu com a formação bilíngue dos professores promovendo diferentes ações. Antes da criação dessa primeira turma bilíngue, os professores estão em capacitação a mais de 2 anos, discutindo aspectos relacionados ao bilinguismo, aprendendo a Libras semanalmente em cursos de capacitação interna ou externa ao Campus. Esses professores já deram aulas em turmas mistas no Campus Palhoça Bilíngue com surdos e ouvintes juntos,

Desenvolvimento da Docência Bilíngue Libras/Português no
Campus Palhoça Bilíngue / IFSC: Considerações Iniciais

UÉSLEI PATERNO

mas tinham um intérprete de língua de sinais que intermediava a comunicação nessas turmas. Eles também tem colegas de trabalho que são surdos, como os professores de Libras. Esses momentos de formação anterior possibilitaram a esses professores a darem a aula em Libras a partir do semestre 2014-2. Ao longo desse semestre houve capacitação com os professores do Campus sobre aspectos linguísticos da Libras, produção de material didático bilíngue e visual e aspectos educacionais dos surdos. Em sala de aula, os professores que ministraram as aulas em Libras tiveram presentes um monitor em Libras, bolsista surdo bilíngue que cursava pedagogia em outra instituição. O bolsista auxiliava os professores em momentos de impasse linguístico, onde a forma de sinalização do professor ouvinte não deixava clara a mensagem.

Os professores perceberam que a docência bilíngue Libras/Português envolve diferentes aspectos além da fluência em Libras, eles precisavam compreender como elaborar material educacional significativo para uma língua visual, desenvolver metodologias a partir dos referenciais visuais e culturais dos surdos, identificar como ensinar os conceitos construídos em português em Libras.

A construção do docente bilíngue Libras/português percebe-se como complexo, pois envolve criar estratégias de ensino e organizar o conhecimento por vezes de uma maneira muito diferente dos referenciais dos professores ouvintes. Eles teriam que compreender a cultura surda para a partir dela construir novos conhecimentos novas possibilidades.

Santana & Bergamo (2005) ao discutirem o conceito de cultura surda trazem o conceito de Geertz (1989) sobre cultura que assim descrevem:

Já para Geertz (1989), o conceito de “cultura” é essencialmente semiótico, o homem seria um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tece. A cultura seria o conjunto

dessas teias. A cultura não é apenas um complexo de padrões concretos de comportamento, costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, é também um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. Segundo ele, o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle e estratégias. A perspectiva de cultura como um mecanismo de controle inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente social e público, por isso seu ambiente natural é o pátio, o mercado, a praça da cidade. Assim, pensar consiste não nos acontecimentos na mente, mas num tráfego entre símbolos significantes: “Nossas ideias, nossos valores, nossos atos e até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais, na verdade produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades, disposições com as quais nascemos” (GEERTZ, 1989, p. 62).

Esses emaranhados de discursos, regras sociais, concepções e experiências visuais que constroem as culturas surdas às vezes mostraram-se muito distantes dos professores, das experiências de docência que anteriormente tinham. Conforme ministravam as aulas e experimentavam diferentes abordagens para construção dos conhecimentos acadêmicos, os professores elaboraram aulas com muitos recursos visuais, mostraram os processos e procedimentos, exemplificaram. No momento, por limitação na fluência em Libras, focaram nos pontos principais do conteúdo programático.

Com o foco no que queriam conduzir as disciplinas de multimídia e educação física conseguiram que os alunos abstraíssem os conceitos e os aplicassem em nível similar ao das turmas em Português. A diferença ficou com matemática, não em abstração, mas em passar por todo conteúdo programado. Os discentes surdos vieram com vários conceitos de matemática defasados. Ofertou-se vários atendimentos extraclasse para oportunizar o

aprendizado. O trabalho diferenciado, em Libras, a partir de referenciais visuais possibilitou construir satisfatoriamente os conceitos que foram trabalhados.

Em conjunto com a necessidade dos professores reverem as formas de conceber e construir as aulas e procedimentos didáticos, foram encontrados limitações quanto ao instrumental didático. Os discentes surdos estão aprendendo o português em sua forma escrita, estão longe de dominá-la a ponto de poderem estudar a partir dos livros em português. A educação propõe-se ser bilíngue, mas os discentes surdos ainda não são bilíngues, estão se constituindo. Esse dilema tem-se mostrado de difícil solução em curto prazo.

Outra dificuldade envolve os estudos e atividades que espera-se que os discentes precisam fazer em casa, do momento de revisão e reflexão sobre o que aprenderam. Os discentes ouvintes fazem anotações, leem livros em casa para resolver as atividades e tirar dúvidas. Entretanto os alunos surdos, embora tenham as aulas em Libras e estão compreendendo os conceitos, a anotação do que foi discutido em aula, ou acesso a informação para estudo em casa não está sendo possível. Houve algumas iniciativas de produzir vídeos explicativos em Libras, mas são iniciais, demandam muito planejamento e tempo de produção.

CONCLUSÕES

A língua é condição essencial para o processo de ensino e aprendizagem, sem uma língua esse processo fica truncado ou inexistente. A possibilidade dos discentes surdos terem acesso a informação e interação em

Libras é condição necessária para o seu desenvolvimento, para desenvolverem-se enquanto cidadãos críticos e reflexivos.

Entretanto apenas utilizar a Libras não é garantia de que o processo de ensino e aprendizagem esteja garantido, há muito mais envolvido. Os professores ouvintes do Campus Palhoça Bilíngue tem avançado em constituir a docência bilíngue buscando compreender os discentes surdos, suas concepções, sua história sua cultura. A partir dessa compreensão tem utilizado práticas educacionais que viabilizem o aprendizado e o desenvolvimento dos surdos. O apoio da instituição em ofertar capacitação em Libras e em educação de surdos contribui no desenvolvimento desses professores. A troca existente com os professores surdos e demais servidores ouvintes fluentes em Libras mostrou-se eficaz para encontrar estratégias de ensino que fosse significativa para os discentes surdos.

Para o momento a inexistência de materiais didáticos em Libras e de formas eficazes de registro dos conteúdos ministrados tem-se mostrado como limitadores do avanço dessa iniciativa bilíngue.

A construção da docência bilíngue e de uma educação bilíngue está para muito mais que utilizar a Libras para se comunicar e interagir em aula, há todo um sistema educacional bilíngue que precisa ser constituído.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, C. A interpretação da cultura, Guanabara, RJ, 1989; Apud SANTANA, Ana Paula & BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidades surdas:

Desenvolvimento da Docência Bilíngue Libras/Português no
Campus Palhoça Bilíngue / IFSC: Considerações Iniciais

UÉSLEI PATERNO

encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. *In* Revista Educação e Sociedade, Unicamp, Campinas, V. 26, n. 91, pp. 565-582, 2005.

LODI, Ana Cláudia Baliero & MOURA, Maria Cecília de. Primeira língua e construção do sujeito: uma transformação social. *In* Revista Educação Temática Digital, Campinas, v. 7 n. 2, pp 1-13, 2006.

SANTANA, Ana Paula & BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidades surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. *In* Revista Educação e Sociedade, Unicamp, Campinas, V. 26, n. 91, pp. 565-582, 2005.

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR

UÉSLEI PATERNO



Professor e Intérprete de Libras – Campus Florianópolis Continente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Mestre em Linguística, Especialista em Educação Profissional Inclusiva, Biólogo.

Atuou como professor conteudista dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado a Distância em Letras Libras – UFSC, das turmas de 2006 e 2008. No IFSC, atua na formação de intérpretes de Libras desde 2007 em diferentes cursos ofertados pela instituição. Em 2009, foi Coordenador de Inclusão e Assuntos Estudantis do IFSC e, entre 2010 e 2013, foi Coordenador do Núcleo de Atendimento as Pessoas com Necessidades Específicas do IFSC. Participou da elaboração e implantação do Curso Técnico de Tradução e Interpretação de Libras no Campus Palhoça Bilíngue.

E-mail: ueslei@ifsc.edu.br

Desenvolvimento da Docência Bilíngue Libras/Português no
Campus Palhoça Bilíngue / IFSC: Considerações Iniciais

UÉSLEI PATERNO